

Um

Sempre que acordava, de noite ou de dia, arrastava-me pelo átrio de mármore resplandecente do prédio onde morava, seguia ao longo do quarteirão e virava a esquina onde havia uma *bodega* que nunca fechava. Pedia dois grandes cafés com natas e seis cubos de açúcar em cada, bebia de um trago o primeiro no elevador de regresso ao apartamento, depois, devagar, bebia o segundo em pequenos goles enquanto via filmes, comia bolachas com formas de animais e tomava trazodona, *Ambien* e *Nembutal* até voltar a adormecer. Dessa maneira, perdia a noção do tempo. Os dias passavam. As semanas. Alguns meses. Quando me ocorria, encomendava comida do restaurante tailandês do outro lado da rua, ou uma salada de atum do restaurante da First Avenue. Acordava e encontrava mensagens de voz no telemóvel, de salões de beleza ou de *spas* a confirmar marcações que eu fizera enquanto dormia. Ligava sempre a cancelar, o que detestava fazer porque odiava falar com pessoas.

No início dessa fase, mandava que recolhessem a roupa suja e que a entregassem lavada uma vez por semana. Era reconfortante ouvir a aragem que entrava pelas janelas da sala fazer restolhar os sacos de plásticos rasgados. Gostava de sentir as lufadas do cheiro da roupa lavada enquanto dormitava no sofá. Mas, daí a algum tempo, era muito complicado apanhar toda a roupa suja e enfiá-la no saco da lavandaria. E o som da minha máquina de lavar e secar interferia com o meu sono. Por isso, comecei a deitar fora as cuecas usadas. De qualquer modo, todos os velhos pares me recordavam Trevor. Durante algum tempo, estava sempre a aparecer-me no correio *lin-*

gerie pirosa da *Victoria's Secret* — tangas, corpetes e *baby-dolls* com folhos, fúcsia ou verde-lima, cada um fechado num saquinho de plástico transparente. Arrumava esses saquinhos no roupeiro e andava sem roupa interior. Uma ou outra encomenda chegava da Barneys ou da Saks com pijamas de homem e outros artigos que não me lembrava de ter encomendado — peúgas de caxemira, *T-shirts* estampadas, *jeans* de marca.

Tomava um duche uma vez por semana no máximo. Deixei de usar a pinça, o descolorante, a cera depilatória, a escova de cabelo. De hidratar e de esfoliar a pele. De rapar as pernas. Era raro sair de casa. Pagava as contas por débito automático. Já tinha liquidado um ano de imposto predial pelo meu apartamento e pela antiga casa dos meus falecidos pais, a norte da cidade. As rendas pagas pelos novos inquilinos eram depositadas todos os meses na minha conta. O subsídio de desemprego chegava, desde que fizesse a chamada semanal para o serviço automatizado e carregasse no «1» para dizer «sim» quando o robô me perguntava se fizera um esforço sincero para encontrar trabalho. Isso bastava para pagar todas as minhas receitas médicas e o que ia buscar à *bodega*. Além disso, tinha investimentos. O consultor financeiro do meu falecido pai mantinha tudo isto sob controlo e enviava-me extratos trimestrais que eu nunca lia. Também tinha imenso dinheiro nas minhas contas-poupança — o suficiente para viver durante uns anos desde que não fizesse extravagâncias. Além de tudo isto, o limite de crédito do meu cartão Visa era elevado. O dinheiro não me preocupava.

Tinha começado a «hibernar» o melhor que podia em meados de junho de 2000. Tinha vinte e seis anos. Através de uma tira partida dos estores, vi o verão morrer e o outono ficar frio e cinzento. Os meus músculos mirravam. Os lençóis da minha cama amareleciam, embora em geral adormecesse diante da televisão, no sofá da Pottery Barn às riscas azuis e brancas, bambo e coberto de manchas de café e de suor.

Durante as minhas horas de vigília, não fazia grande coisa além de ver filmes. Não suportava a televisão. Sobretudo ao princípio, excitava-me demasiado e tornava compulsiva a utilização do comando, deixando-me a fazer *zapping*, a desdenhar de tudo e agitada. Era de mais para mim. As únicas notícias que ainda lia eram os ca-

beçalhos sensacionalistas dos diários locais da *bodega*. Lançavam-lhes uma olhadela rápida enquanto pagava os cafés. Bush contra Gore na corrida à presidência. Alguém importante morria, uma criança era raptada, um senador roubava dinheiro, um atleta famoso enganava a mulher grávida. Passavam-se muitas coisas em Nova Iorque — como sempre —, mas nada disso me afetava. Era o que o sono tinha de maravilhoso — a realidade distanciava-se e surgia na minha mente com a simplicidade de um filme ou de um sonho. Era fácil ignorar as coisas que não me diziam respeito. Os trabalhadores do metropolitano entravam em greve. Um furacão chegava e partia. Não tinha importância. Podia ter havido uma invasão de extraterrestres ou uma praga de gafanhotos, e eu ter-me-ia apercebido, mas não me teria preocupado.

Quando precisava de mais comprimidos, aventurava-me a ir até à farmácia Rite Aid, a três quarteirões. Era sempre um trajeto doloroso. Percorria a First Avenue, e tudo me incomodava. Era como um bebé a nascer — o ar feria-me, a luz magoava-me, os pormenores do mundo pareciam-me agressivos e hostis. Só nos dias dessas digressões me apoiava no álcool — um *shot* de vodca antes de sair e de passar por todos os pequenos restaurantes, cafés e lojas que frequentava quando andava por ali a fingir que tinha uma vida. À parte isso, tentava limitar-me a um quarteirão próximo do meu apartamento.

Os homens que trabalhavam na *bodega* eram todos jovens egípcios. Além da Dra. Tuttle, a minha psiquiatra, da minha amiga Reva e dos porteiros do prédio, os egípcios eram as únicas pessoas que via com regularidade. Eram relativamente bem-parecidos, uns mais do que outros. Tinham maxilares quadrados e testas viris, sobrancelhas abundantes e farfalhudas. E todos pareciam ter posto *eyeliner*. Deviam ser uma boa meia dúzia — irmãos ou primos, pensava eu. O seu estilo dissuadia-me. Usavam camisolas de futebol, blusões de couro de motociclistas, fios de ouro com cruces e estavam sempre a ouvir a Z100 no rádio. Não tinham o menor sentido de humor. Quando me mudei para a zona, eram atiradiços, a ponto de ser incómodos. Mas quando comecei a arrastar-me até lá a horas bizarras, com os olhos ramelosos e saliva aos cantos da boca, deixaram de tentar cair-me nas boas graças.

— Tem qualquer coisa aqui — disse o homem atrás do balcão certa manhã, apontando para o queixo com longos dedos morenos. Limitei-me a fazer um aceno com a mão. Descobri mais tarde que tinha pasta de dentes incrustada por toda a cara.

Decorridos alguns meses de visitas desleixadas e feitas meio a dormir, os egípcios começaram a chamar-me «chefe» e a aceitar de bom grado os cinquenta cêntimos quando lhes pedia um cigarro a granel, o que era frequente. Poderia ir a diversos estabelecimentos tomar café, mas gostava da *bodega*. Era perto de casa, o café era sempre mau e não tinha de me confrontar com ninguém a encomendar um brioche ou um *latte* sem espuma. Não havia crianças com o ranho a correr do nariz nem *au pairs* suecas. Não se viam membros assépticos das profissões liberais, nem pessoas em encontros. O café da *bodega* era café para a classe operária — café para porteiros, distribuidores, faz-tudos, ajudantes de empregados de mesa e donas de casa. O ar estava impregnado do odor de produtos de limpeza baratos e de bafio. Podia contar com o congelador embaciado cheio de sorvetes, de gelados de gelo e de copos de plástico contendo gelo. Os compartimentos de acrílico transparente por cima do balcão estavam cheios de pastilhas elásticas e de rebuçados. Nunca mudava nada: os cigarros dispostos em filas regulares, os rolos de raspadinhas, as doze marcas diferentes de água engarrafada, a cerveja, o pão para sanduíches, uma caixa de carnes e de queijos que ninguém comprava, a bandeja com carcaças ressequidas, o cesto de fruta embrulhada em plástico, a parede inteira de revistas que eu evitava. Não queria ler mais do que as manchetes dos jornais. Afastava-me de tudo o que pudesse estimular-me o intelecto ou suscitar-me inveja ou ansiedade. Mantinha a cabeça baixa.

Uma vez por outra, Reva aparecia em minha casa com uma garrafa de vinho e insistia em fazer-me companhia. A mãe dela estava a morrer com um cancro. Isso, entre muitas outras coisas, levava-me a não querer vê-la.

— Esqueceste-te de que eu ia passar por cá? — perguntava Reva, empurrando-me ao passar por mim para entrar na sala e acendendo as luzes com um piparote. — Falámos ontem à noite, lembras-te?

Gostava de telefonar a Reva quando o *Ambien*, o *Solfoton* ou fosse o que fosse começava a fazer efeito. Segundo ela, eu só queria

falar sobre Harrison Ford ou Whoopi Goldberg, o que ela dizia que era ótimo.

— Ontem à noite contaste-me todo o enredo do *Frenético*. E a cena em que eles vão no carro, com a cocaína. Não paravas.

— A Emmanuelle Seigner está espantosa nesse filme.

— Foi exatamente o que disseste ontem à noite.

Quando Reva aparecia, eu ficava ao mesmo tempo aliviada e irritada, como uma pessoa se sentiria se alguém a interrompesse a meio de um suicídio. Não que eu estivesse a suicidar-me. Na realidade, era o oposto de um suicídio. A minha hibernação tinha que ver com autopreservação. Pensava que isso iria salvar-me a vida.

— Agora vai para o duche — dizia Reva, entrando na cozinha.
— Vou despejar o lixo.

Adorava Reva, mas já não gostava dela. Éramos amigas desde a faculdade, há tempo suficiente para só nos restar em comum a nossa história juntas, um circuito complexo de ressentimentos, recordações, ciúmes, negação e alguns vestidos que eu deixara Reva levar de empréstimo, com a promessa de os mandar limpar a seco e de os devolver, o que nunca fizera. Ela trabalhava como assistente executiva para uma firma de mediação de seguros em Midtown. Era filha única, uma fanática do ginásio, tinha no pescoço um grande sinal de nascença vermelho com a forma da Florida e um hábito de mascar pastilha elástica que lhe provocava disfunção da articulação temporomandibular e um hálito a canela e a rebuçados de maçã verde. Gostava de aparecer em minha casa, desimpedir um lugar para se sentar na poltrona, comentar o estado do apartamento, dizer que eu parecia ter perdido mais peso e queixar-se do trabalho, ao mesmo tempo que voltava a encher o copo de vinho depois de cada gole.

— As pessoas não compreendem o que estou a passar — dizia.

— Partem do princípio de que eu vou estar sempre bem-disposta. Entretanto, aquelas bestas pensam que podem tratar todos os subalternos como merda. E ficam à espera de que eu ria, toda simpática, e que lhes envie faxes? Vão-se foder. Que fiquem carecas e ardam no inferno.

Reva tinha um caso com Ken, o patrão, um homem de meia-idade, casado e com um filho. Falava abertamente sobre a sua obsessão com ele, mas tentava esconder que tinham um envolvimento sexual.

Uma vez mostrou-me uma fotografia de Ken numa brochura da empresa — alto, de ombros largos, com uma camisa branca e gravata azul, com um rosto tão insípido, tão desinteressante, que podia muito bem ter sido moldado em plástico. Reva, tal como eu, tinha queda para homens mais velhos. Os homens da nossa idade, dizia ela, eram demasiado piegas, demasiado carinhosos, demasiado carentes. Podia perceber a aversão dela, mas nunca encontrara um homem assim. Todos aqueles com quem estivera, tanto novos como velhos, tinham-se mostrado distantes e antipáticos.

— És uma pessoa insensível, é o que é — explicou Reva. — Diz-me com quem andas...

Como amiga, Reva era de facto piegas, carinhosa e carente. Mas também era reservada e, por vezes, muito complacente. Não podia ou, simplesmente, não *queria* compreender por que motivo eu desejava passar o tempo a dormir, e estava sempre a atirar-me à cara a sua superioridade moral e a dizer-me que «assumisse as consequências» dos maus hábitos que tinha na altura. No verão em que comecei a dormir, Reva repreendeu-me por «dar cabo do meu corpo de modelo». «Fumar *mata*.» «Devias sair mais.» «A tua dieta tem proteínas suficientes?» *Et cetera*.

— Não sou um bebé, Reva.

— Só estou preocupada contigo. Porque me importo. Porque te *adoro* — dizia ela.

Desde que nos conhecêramos, no primeiro ano da faculdade, Reva, sem ter bebido, nunca podia reconhecer nenhum desejo minimamente bizarro. Mas não era perfeita. «Não é nenhuma santa», como diria a minha mãe. Há anos que sabia que Reva era bulímica. Sabia que se masturbava com um aparelho elétrico para dar massagens no pescoço, porque tinha vergonha de comprar um vibrador como deve ser numa *sex shop*. Sabia que estava afogada em dívidas da universidade e de anos de limites de cartões de crédito ultrapassados, e que roubava amostras da secção de produtos de beleza da loja de alimentação saudável perto do seu apartamento no Upper West Side. Tinha visto os autocolantes que identificavam como amostras os artigos no enorme saco de maquilhagem que levava para onde quer que fosse. Era uma escrava da vaidade e do estatuto social, o que não era invulgar num local como Manhattan, mas achava o seu desespero

particularmente irritante, o que me tornava difícil respeitar a sua inteligência. Era obcecada por marcas, pela conformidade, por «não destoar». Fazia deslocações regulares a Chinatown para comprar o último grito de malas de mão de marca contrafeitas. Uma vez, pelo Natal, ofereceu-me uma carteira *Dooney & Bourke* e arranjou-nos falsos porta-chaves *Coach* a condizer.

Ironicamente, esse desejo de ter classe sempre fora o espinho da falta de classe que a atormentava. «A elegância estudada não é elegância», tentei certa vez explicar-lhe. «O encanto não depende de um penteado. Ou o tens ou não o tens. Quanto mais tentares ser elegante, mais pirosa pareces.» Nada magoava mais Reva do que a beleza que não exige esforço, como a minha. Um dia, quando víamos juntas *Antes do Amanhecer*, ela perguntara-me:

— Sabias que a Julie Delpy é feminista? Pergunto-me se é por isso que não é mais magra. Se fosse americana, nunca lhe teriam dado este papel. Estás a ver como os braços dela são flácidos? Ninguém aqui tolera braços assim. Essa flacidez é de morte. É como o SAT para a admissão à universidade. Nem sequer existes se tiveres menos de 1400 pontos.

— Ficas feliz por a Julie Delpy ter os braços flácidos? — perguntei-lhe.

— Não — respondeu depois de refletir um pouco. — Não chamaria a isso felicidade. É mais *satisfação*.

A inveja era uma coisa que Reva não parecia sentir necessidade de esconder de mim. Desde o início da nossa amizade, se eu lhe dissesse que qualquer coisa boa estava a acontecer, ela gemia «não é justo» vezes suficientes para aquilo se tornar uma espécie de estribilho que ela debitava por dá cá aquela palha, numa voz neutra. Era uma reação automática a uma boa nota minha, a uma nova tonalidade de batom, ao último gelado de gelo posto à venda, ao meu corte de cabelo dispendioso. «Não é justo.» Eu fazia figas, como que a proteger-me da inveja e da cólera que ela sentia. Uma vez perguntei-lhe se a sua inveja tinha alguma relação com o facto de ser judia e se pensava que as coisas eram mais fáceis para mim por ser uma WASP¹.

1 Acrónimo de White Anglo-Saxon Protestant, que significa Branco, Anglo-Saxão e Protestante. (N. T.)